

## .ENIO



## .ARTIGOS

## INCENTIVO À LEITURA E À CULTURA

Bienal do Livro:  
sucesso em curso

Ainda está cedo para se falar sobre a Bienal Internacional do Livro de Alagoas em termos de números, afinal a realização está em pleno andamento e muitas páginas ainda existem pela frente. Mas a hora é propícia para opinar, em termos qualitativos, sobre a versão 2013 deste que se consolida como um evento permanente em nosso estado.

Voltamos a bater na tecla da importância particular em se valorizar a perenidade de eventos em Alagoas, pois – infelizmente – a mortalidade precoce teima em fazer fúnebre tradição por estas plagas. Para lamentarmos as oportunidades perdidas basta lembrarmos das experiências pioneiras, nacionalmente falando, dos finados Festival de Cinema de Penedo e Festival de Verão de Marechal Deodoro. Ambos foram iniciativas pioneiras datadas do início dos anos 70, então ombreadas em idade e qualidade com outros desbravadores como o Festival de Cinema de Brasília (1965) e o Festival de Inverno de Ouro Preto (1967). Suas congêneres, no campo do cinema e cultura, seguiram adiante e continuam crescendo e brilhando, criando empregos e renda, divulgando arte e conhecimento, enquanto o pioneirismo alagoano nesses campos sequer preservou registros documentais dignos de nota. Uma pena.

Assim, não há como não se entusiasmar ao testemunhar o formigueiro humano a vivificar o Centro de Convenções de Maceió com milhares de pessoas de todas as idades a circular, ávidas por saberes, entre os diversos estandes onde livreiros de todo o Brasil e do exterior expõem seus produtos. É empolgante.

Destaque-se também a atenção do público que participa de palestras, oficinas e mesas-redondas com autores visitantes e nativos. Saliente-se que, no caso dessas plateias, quem delas participa enfrenta salas abafadas nas quais o equipamento de ar-condicionado serve apenas como decoração. Assinale-se, de imediato, que esse incômodo não é de responsabilidade dos organizadores da Bienal, nem de nenhum outro evento realizado no Centro de Convenções de Maceió – descaio que fica na conta dos administradores desse local.

O fato insofismável é que, vencendo todos os obstáculos, a Bienal Internacional do Livro de Alagoas, organizada exemplarmente pela Universidade Federal de Alagoas através da sua Editora Universitária (Edufal), está sendo um grande sucesso. Em sua sexta edição, reafirma-se como algo que veio para ficar. Que siga adiante!

*É regra aceita por todos que a leitura deve ser incentivada desde os primeiros anos de vida na família, e, a seguir, na escola, nos anos de educação fundamental. Sabe-se que todo país desenvolvido tem alto índice de leitura. Leitura como fonte de informação e alicerce da cultura. Cada contribuição de incentivo à leitura deve ser referida e valorizada; assim a VI Bienal Internacional do Livro de Alagoas, patrocinada pela Ufal, através da Edufal, é um marco significativo na vida cultural alagoana.*

*Um dos desafios da escola é a de incentivar a leitura, sob as formas mais criativas, despertando nas crianças o desejo de ler. Boa parte dos avanços que o País conseguiu nos últimos 30 anos deve-se à atividade editorial que renasceu com a abertura democrática. A formação do leitor reflete-se diretamente, à distância, na*

*formação de consciência crítica, em lugar de consciência ingênua, com pessoas conscientes de seus deveres e direitos na vida civil.*

*Um fato a recordar. Há cerca de uma década ou pouco mais, participei de algumas Bienais Internacionais do Livro no Rio de Janeiro e em São Paulo. Integrava delegações alagoanas organizadas pelo médico e escritor Antônio Arnaldo Camello, durante sua gestão na Fundação Municipal de Ação Cultural. Alagoas era mostrada lá fora através de exposição de livros de autores alagoanos. O estande alagoano era sempre visitado e admirado pelo desconhecimento de nossos escritores fora de nossas fronteiras.*

*Ao ler a programação desta VI Bienal Internacional do Livro de Alagoas, procurei os itens que se destinavam à crianças e adolescentes. É acaciano repetir que*

*concorrer para formar leitores nessa faixa de idade é projetar um futuro de amor aos livros. É viagem em distâncias que não podem ser delimitadas.*

*Da Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa – Fundepes, (leia-se professor Roberto Jorge Vasconcelos dos Santos e sua equipe), recebi convite para o lançamento da obra Entendendo as mudanças na Contabilidade Aplicada ao Setor Público, no estande dessa entidade. O livro é de autoria do professor Paulo Henrique Feijó da Silva, pós-graduado em Contabilidade e Finanças pela Fundação Getúlio Vargas.*

*Que se considere a leitura como uma enzima, uma vitamina mental, uma chave que abre compartimentos da educação, da cultura, da liberdade e da cidadania. Parabéns à Ufal e à Edufal.*

» JOSÉ MEDEIROS – médico e ex-secretário de Educação e de Saúde.

## O MILAGRE DOS PÁSSAROS

» ALOISIO VILELA DE VASCONCELOS – professor da Ufal.

*Somos viajantes do tempo. Estamos no Recife no dia 14 de abril de 1631, observando o conturbado início da invasão holandesa. Vemos chegar o general Pater com quatro navios e centenas de militares com ordens expressas da Assembleia dos XIX, da Companhia das Índias Ocidentais, para que o governador e o Conselho Político incluíssem ao domínio holandês a Ilha de Itamaracá. Em 22 de abril, uma expedição composta por 14 navios e 1260 homens parte para o seu destino. Por engano, desembarcam num canal ao sul de onde pretendiam, ou seja, longe da cidade e da fortificação e aí, após algumas explorações infrutíferas, resolvem acampar e construir um forte. Ato contínuo relata Joannes de Laet, à página 206, do Livro Oitavo, de sua História dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, desde o seu começo até o final*

*do ano de 1636: “Antes de deixarmos este forte, vamos referir um fato admirável. Um pouco ao norte do acampamento havia uma pequena ilha, distando menos de um tiro de pistola, e que com a maré cheia ficava inundada, e estava coberta de pequenos arvoredos e arbustos; nesse mato vinha aninhar-se todas as noites, às seis horas, uma quantidade extraordinária de pássaros de tamanho regular e pequenos, que, ao chegarem, quase faziam escurecer o céu como uma nuvem, e no dia seguinte pela manhã, às seis horas, retiravam-se. Mas o que causou estranheza foi que, apesar da presença tão próxima da nossa tropa e de todos os tiros e gritos, essas aves nunca deixaram de chegar à hora habitual, até todo o mato ficar arrasado pela nossa gente e a fortificação ser ocupada”. Trata-se de um fato admirável, pois sabemos que os pássaros,*

*com o menor barulho, se assustam e fogem desesperados. Por que, então, os pássaros de que fala Laet só abandonaram o local após a completa destruição da vegetação e ocupação da fortificação? Portanto, salvo fraude – e não há nenhum motivo para isto – não vejo nenhum exagero em se rotular o ocorrido na ilha pernambucana de Itamaracá como “O Milagre dos Pássaros”. Os exércitos holandeses e luso-espanhóis não entenderam a doce e solene intervenção do transcendente, pois continuaram a se digladiar. Por isso, não posso, portanto, conceber este acontecimento sem que nossa divina mãe, com lágrimas nos olhos por ver seus amados filhos se matando, não tenha exclamado o que escrito foi pelo profeta Jeremias em Lamentações 1, 12: “Ó vós todos que passais pelo caminho, parai e vede se há dor semelhante à minha dor”.*